

PROJEÇÕES

Roberto Rodrigues*

Na semana passada tive a oportunidade de participar de diferentes debates que trataram, entre outros temas, do futuro próximo da economia global e sua relação com a produção de alimentos na América Latina.

E as projeções apresentadas por diferentes economistas de instituições brasileiras e internacionais tiveram uma convergência muito preocupante: há sinais de que no ano que vem haverá uma queda na economia americana com reflexos em todo o mundo.

A guerra comercial entre Estados Unidos e China, acima de tudo uma disputa pela hegemonia tecnológica, começa a dar sinais de cansaço no seu segmento mais visível e imediato, exatamente o comercial, também objeto de posição hegemônica. E algum tipo de acordo nessa área deve acontecer em breve. A elevada alavancagem da economia norte-americana e seu déficit na balança comercial poderão produzir resultados finais surpreendentes nas eleições de 2020, com reflexos/mudanças do atual cenário das relações entre as grandes potências mundiais.

Por outro lado, não está claro qual será o desenlace da controvertida questão do Brexit, mas parece evidente que se a separação se consolidar, tanto o Reino Unido quanto a União Europeia perderão em termos econômicos. O novo governo mexicano de esquerda também gera incertezas no Novo Continente já às voltas com o regime de desespero de Maduro na Venezuela, e as mudanças indicadas pelo resultado das eleições na Argentina talvez reacenda um populismo que parecia superado na região.

A mudança inegável do eixo comercial - sobretudo de alimentos - para a Ásia, devido à demanda crescente de sua população (e não se trata apenas da potência chinesa; Japão, Coreia, Índia, Indonésia, Filipinas, Malásia, Tailândia, Vietnã, entre outros países importantes) que, com maior poder aquisitivo, está exigindo um reposicionamento dos principais países produtores, que disputam com avidez aqueles mercados, bem como o do Oriente Médio, procurando acordos bilaterais ou multilaterais que vão consumindo a capacidade da OMC de trabalhar pelo equilíbrio no tema.

Aliás, a aparente “desconstrução” do conceito de globalização leva até mesmo a ONU a perder protagonismo em sua dura tarefa de garantir a paz mundial, agora ameaçada por uma inovação bélica inaugurada com o ataque de drones a destilaria saudita. A insegurança passou a dominar os poderosos, e a aparente dificuldade de prevenir outros ataques semelhantes leva a uma perplexidade que exige reação inovadora.

Economia global em queda, briga por hegemonia tecnológica, instabilidade política em regiões inteiras e em vários países importantes, insegurança quanto à defesa do patrimônio, são todos ingredientes de uma receita explosiva.

Mas o mundo não pode parar de comer. Por isso a nossa região do Hemisfério Sul, e em especial o nosso país, temos que estar atentos a todos estes movimentos que produzem instabilidade, para montar uma estratégia

estruturada que nos permita continuar avançando no suprimento de alimentos, energia e fibras a todos os quadrantes do globo, com uma clareza meridiana: o agronegócio, sobretudo considerando a agregação de valor às commodities agrícolas, é o setor da nossa economia que mais resiliente tem se mostrado às últimas grandes crises mundiais, e não pode parar, sob pena de atrapalhar os avanços necessários para acabar com a tragédia do desemprego no Brasil. Já existem alguns sinais positivos internamente, embora tímidos, na direção da retomada econômica e da geração de empregos.

E não parem dúvidas a respeito: precisamos criar inovações tecnológicas sustentáveis e montar a infraestrutura indispensável à nossa competitividade. E trabalhar por acordos comerciais que tragam mercados grandes e sólidos. Sem estes três pilares, nem a enorme competência de nossos produtores rurais evitará que o Brasil sofra alguma contaminação por mais uma grande crise mundial.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**